

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Não seguiram a canção. Reorganização do trotskismo no Brasil: posadismo, organização política e unificação. Primeiros apontamentos (1968-1971).

TIAGO DE OLIVEIRA*

Ao longo dos anos 1960 as organizações de esquerda no Brasil vão sofrer um processo de ruptura e divisões internas, especialmente após o golpe civil-militar de 1964. O balanço político do golpe vai suscitar no PCB, visto como um dos principais responsáveis pelo golpe, o surgimento das DI's (Dissidências Internas) que vão se espalhar pelo Brasil, dando origem a novas organizações. Com a AP, POLOP e PCdoB, organizações anteriores ao golpe, também não será diferente. A partir de 1968 esse processo alcança o trotskismo, que também passará por divisões e rupturas, marcando o início de uma quarta geração na história desse movimento, adentrando os anos 1970.

Na série “*Contribuição à História da Esquerda Brasileira, 1964-1979*” Marco Aurélio Garcia (*Em Tempo*, 1979-1980) estabelece as divergências, rupturas e fragmentação da esquerda brasileira em torno a três coordenadas: ao caráter da revolução brasileira; às formas de luta pelo poder; e uma referente à forma de organização necessária para realizar a revolução. Para o estudo das organizações trotskistas essas coordenadas também se mostram úteis, podendo ser acrescentada, uma coordenada característica dessa tradição, qual seja, a construção da organização internacional, a IV Internacional. As organizações trotskistas que analisaremos a seguir¹ partiam do pressuposto de que a revolução brasileira era socialista, com a classe operária

* Graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras-Unesp/Araraquara e mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social, linha História Contemporânea III, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro.

¹ Diferentemente dos momentos anteriores a quarta geração trotskista no Brasil não vai se constituir em torno a uma só organização. Nos anos 1970 esta geração vai se constituir em três vertentes principais: Fração Bolchevique Trotskista e ME1º de Maio (objeto de nossa análise) que em 1976 se unificam e formam a Organização Socialista Internacionalista; a Liga Operária (1973), a partir da auto-crítica a alternativa da luta armada por exilados brasileiros no Chile e na Argentina e que posteriormente formará o Movimento Convergência Socialista; e O Partido Operário Comunista- Combate, que tem suas origens na POLOP e a partir do exílio adere ao trotskismo, defendendo a luta armada no Brasil, o POC-Combate fará parte do movimento que criará a Democracia Socialista, já nos anos 1980. Para um panorama da história do trotskismo no Brasil e suas respectivas gerações recomendamos os seguintes artigos: KAREPOVS, Dainis., MARQUES-NETO, J. Castilho. LOWY, Michel. Trotsky e o Brasil. In: MORAES, J. Quartim de (org). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 1995. v.2; KAREPOVS, Dainis., MARQUES-NETO, J. Castilho. Os Trotskistas Brasileiros e suas Organizações Políticas (1930-1966). In: REIS Fº, D. Araão. RIDENTI, Marcelo (org's). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 2007.v5 e :

como sujeito da revolução e tendo o partido, inspirado no modelo bolchevique, como direção política, em suma rejeitavam tanto o reformismo quanto a alternativa da luta armada. Ao nosso ver, no período em foco (1968-1971), essas coordenadas condensaram-se na relação destas novas organizações com o *trotskismo-posadista*, que tinha no Partido Operário Revolucionário-Trotskista (POR-T) seu representante brasileiro. O objetivo desse artigo é analisar este aspecto.

No ano de 1968 em São Paulo será formado o Movimento Estudantil 1º de Maio² (ME1º de Maio). Já no Rio Grande do Sul, no mesmo ano, militantes expulsos do POR-T formarão a Fração Bolchevique Trotskista (FBT). Em 1971 mais uma organização se juntará a esse processo, trata-se do grupo Outubro que nasce na França animado por exilados brasileiros (alguns ex-militantes das duas organizações) e que desenvolviam atividade militante na Organisation Communiste Internationaliste (OCI).

Antecedentes: A V Conferência Nacional do POR-T-1966 e o jornal Chispa-1967

Fundado em 1953, como política direta do Bureau Latino Americano (BLA) da IV Internacional, o POR-T³ desde 1962 passa por uma inflexão em sua política devido ao aumento do controle e da influência de J.Posadas⁴. Responsável pelo BLA Posadas lidera uma ruptura com o Secretariado Internacional (SI) da IV e funda a sua própria internacional em 1962. Para Murilo Leal (2004,143) o projeto político de Posadas buscava responder a crise de não crescimento da IV Internacional, sua resposta centrava-se em três frentes “a fundação de uma nova organização, a proposição de uma nova linha política e de novas formas de funcionamento interno da organização” (LEAL, idem).

KAREPOVS, Dainis. LEAL, Murilo. O Trotskismo no Brasil, 1966-2000. In: REIS Fº, D. Araújo. RIDENTI, Marcelo (org's). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 2007.v6.

² O nome do movimento surge após a participação dos militantes na comemoração do 1º de Maio de 1968 realizado na Praça da Sé, onde sindicalistas ligados Movimento Intersindical Anti-Arrocho e o governador Abreu Sodré foram expulsos por vários manifestantes. Conf. Depoimento de Arkan Simaan ao autor em 03 de fevereiro de 2013.

³ Para uma história do POR-T e do posadismo recomendamos o importante trabalho de LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966)*. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

⁴ Pseudônimo de Homero Romulo Cristali, dirigente trotskista argentino. Conf. KAREPOVS, Dainis., MARQUES-NETO, J. Castilho, idem, ibidem.

Mesmo responsabilizando a direção europeia pela crise da IV, Posadas em grande parte mantém e aprofunda em linhas gerais as elaborações políticas da internacional trotskista até então, como por exemplo a continuidade da política de entrismo *sui generis*, a perspectiva de influenciar direções políticas, como as nacionalistas, e a crença de um novo conflito armado mundial, a Terceira Guerra Mundial (atômica). O aspecto “inovador” de Posadas será a respeito da organização interna, o *monolitismo*, que visava a substituição do centralismo democrático por 90% de centralismo e 10% de democracia.

A ruptura de 1962 teve pouca repercussão no partido, a direção controlada pelo grupo de Posadas rapidamente adere a ruptura e a nova internacional. Será em 1966 que as conseqüências políticas do posadismo no POR-T serão criticadas, através do documento *Criticar, Construir e Planejar Coletivamente o Partido*⁵, apresentado à V Conferência Nacional do POR-T, no qual um grupo de militantes avaliava os rumos tomados pela organização, endereçando críticas ao culto a personalidade de Posadas⁶. Este primeiro momento de crítica ao posadismo ainda contém elementos de permanência, vejamos

Sobre o significado do documento, podemos dizer que representou: a) uma crítica ao monolitismo e aos sintomas de fechamento do POR; b) a partir do exame das principais atividades realizadas, um balanço sobre os dilemas em cada frente de trabalho; c) a defesa de um projeto de trabalho visando inserir o POR nos movimentos sociais, na contra-mão da tendência ‘posadista’ de encerrá-lo em si mesmo; d) uma tentativa de resgatar e preservar o que pareceria válido da atividade de Posadas. (LEAL, 2004: 152)

Para os signatários do documento Posadas acertou ao romper com os dirigentes do SI, e constituir uma nova direção internacional, no entanto, os trotskistas não estavam conseguindo dirigir esses novos processos que surgiam. Atribuem esse fato ao isolamento ao que o POR-T se mantinha, numa espécie de seita preocupada em manter o partido do que realmente coloca-lo em contato com o desenvolvimento das lutas sociais. Outro ponto também frisado é a substituição do “centralismo democrático” pelo “centralismo personalista”. O projeto político proposto pelos

⁵ Este documento foi extraviado do Arquivo CEDEM/CEMAP de São Paulo. Murilo Leal gentilmente cedeu uma cópia do seu fichamento, registramos aqui nosso agradecimento.

⁶ Os signatários desse documento foram: Maria Hermínia Tavares de Almeida, José Leão de Carvalho, Fábio Munhoz, Antônio Carlos Leal Campos e Gilvan Rocha. Conf. LEAL, Murilo. Idem, p. 152. Desses Fábio Munhoz e Leal Campos irão prosseguir com a militância, o primeiro estará nos momentos iniciais do ME1º de Maio, o segundo integrará a FBT.

opositores era inserir o partido nos “organismos de massa”. Para estes era preciso adaptar o partido para um novo momento da conjuntura política no Brasil que com o golpe civil-militar de 1964 desestabilizou o movimento nacionalista e o aparato dos comunistas, tal situação colocou o POR-T como referência política, tendo sido procurado por vários militantes, que no entanto o partido não conseguiu absorver.

Para tanto propunham abrir o partido iniciando com a publicação de um “jornal que respondesse aos problemas concretos de cada frente de trabalho numa linguagem adequada” (LEAL, Idem: 155) que não fosse destinado exclusivamente para reafirmação da ruptura e de contraposição ao SI. Por outro lado, os opositores apontavam a necessidade de aprofundar as análises a respeito do Brasil e de cada região do país. E marcados pelo ambiente político da época o documento também traz como perspectiva política a preparação do partido para a guerrilha, deslocando o sujeito da revolução para o campesinato.

O ponto que mais se afastava do *posadismo* parece ser sobre a questão do funcionamento interno do partido

o documento lançava a discussão contra o ‘central personalismo’ que seria o ‘centralismo gravitando não em torno de um organismo coletivo mas de uma ou mais personalidades’. O texto advertia: ‘conciliar com o vício que esta nascendo é alimentar um monstro que poderá dar dores de cabeça bem maiores mais tarde’. A crítica atingia direta ou indiretamente o próprio Posadas e seus representantes no Brasil. (LEAL, Idem: ibidem)

O documento foi repudiado na conferência, todos os militantes que assinaram o documento foram alvo de duros ataques, para a direção do POR-T e Posadas tratava-se de “fracionistas” e expressariam a “radicalização da pequena burguesia sem conteúdo revolucionário e muito menos marxista”. Os opositoristas são “orientados” a dissolver imediatamente o funcionamento paralelo, os que tinham postos dirigentes são afastados e incorporados as células de base. Enfraquecidos politicamente e desarticulados os militantes que buscaram criticar os rumos *posadista* do POR-T foram pouco a pouco se afastando do partido e deixando a militância.

Um ano depois da V Conferência Fábio Munhoz, Júlio Calasso e Mtnos Abdalla Calil, já afastados do POR-T, vão editar o jornal Chispa⁷. O jornal teve vida curta, foram publicados três números entre agosto e novembro de 1967 e ao que parece era destinada aos militantes do POR-T e seus simpatizantes, sem um projeto político claramente definido. Nas edições são apresentadas análises da conjuntura internacional e nacional, quase idênticas aos do jornal Frente Operária⁸, órgão do POR-T. Podemos destacar duas características principais das análises de Chispa, a) permanência do “filtro” posadista no que se refere ao avanço das massas rumo ao socialismo, a iminência da Terceira Guerra Mundial (atômica), a adesão às direções políticas que surgem como Fidel e Nasser e b) as perspectivas otimistas com relação a alternativa da luta armada para a revolução, impressionados com a reunião da OLAS.

Na terceira e última edição de Chispa seus militantes apresentam a resolução de dissolver o jornal e pedem reingresso no POR-T. Argumentando acordo com a política do partido, além da resolução publicam o editorial de Frente Operária onde é desenvolvida o argumento de posadista sobre a necessidade de fundar um partido baseado nos sindicatos.

Chispa fora um breve ensaio de alternativa ao posadismo no Brasil, ainda sem uma ruptura completa, mantendo o essencial da política posadista esses militantes reivindicam seu reingresso no POR-T, o que não é aceito pela direção deste.

Movimento Estudantil 1º de Maio e Fração Bolchevique Trotskista – 1968-1970

No ano de 1968 surgem duas organizações que se reivindicam do trotskismo e desde o início a perspectiva da unificação dessas organizações é buscada. É nesse processo de unificação, que se estende até 1976 com a criação da Organização Socialista Internacionalista (OSI)⁹, que a

⁷ Chispa nº1, agosto de 1967; Chispa nº2, setembro de 1967; Chispa nº3, outubro de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181.

⁸ Frente Operária era o órgão do POR-T surgiu em 1952 e a partir de 1962 passou a ter tiragem regular, todas as suas edições tinham artigos publicados de J.Posadas, sobre os mais diversos assuntos. Foi publicado até 1990. Ver LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966)*. São Paulo, Paz e Terra, 2004. pp.198-201.

⁹ Vale dizer que essas organizações, no contexto da clandestinidade, possuíam poucos militantes. Quando da unificação em 1976 OC1º de Maio possuía entre 50 e 60 militantes, somadas as organizações totalizam 110

questão do posadismo surge. Ainda neste ano militantes que formarão a FBT vão a São Paulo e estabelecem contato com o militante Fábio Munhoz, um dos que fundam o ME1º de Maio, a unificação não se efetiva devido a divergências quanto a direção da nova organização. Os militantes de São Paulo reivindicavam para si a direção da organização em São Paulo, o que não era aceito pelos militantes do Rio Grande do Sul, estes já projetavam a FBT como uma organização implantada nacionalmente.

No contexto da 1ª Conferência da Organização Comunista 1º de Maio (1972-1973)¹⁰ a história do ME1º de Maio é retomada com a apresentação de documentos onde podemos verificar como isso ocorreu, vejamos

Pelo que nos consta, o contato com os ex-militantes posadistas do sul se deu antes de julho/68.

A divergência fundamental não foi jamais a que o companheiro aponta (método de reconstrução da Internacional Comunista – veja pg.3, 3º §). Isto jamais foi sequer insinuado pelos ex-militantes posadistas do ME 1º de Maio.

Houve, quanto aos problemas políticos, acordo (crítica ao monolitismo, influência, etc.).

Houve, isto sim, divergência na hora de dividir os cargos de direção, e que era dito confessadamente, em 68. Cada grupo queria ser majoritário. A fração não aceitava nem a paridade.

Os ex-militantes posadistas do ME 1º de Maio também acreditavam na possibilidade de formar uma organização em nível nacional. Tanto é que quase se tornam militantes da Fração, e dão o nome a este grupo, segundo diz o documento.¹¹ Por outro lado, o próprio fato de os ex-militantes posadistas do ME 1º de Maio terem dado o nome a Fração e terem participado de seu processo inicial de formação, é reflexo de algo.

Reflexo de que não enxergavam o posadismo falido.

A Fração, logo após sua formação, faz viagens ao exterior para restabelecer contato com os posadistas internacionalmente.¹²

O que motivou a saída do posadismo – diziam uns e outros – foi fundamentalmente suas divergências com a direção nacional. Estavam longe de verem o posadismo totalmente falido. (ARAÚJO, 1973. Sublinhado no original.)

militantes, segundo estimativa de Júlio Turra, que tornou-se militante da OC1º de Maio em 1974. Conf. Depoimento de Júlio Turra ao autor em 20/08/2012.

¹⁰ A partir de 1970 marcando seu desenvolvimento político o ME1º de Maio passa a se denominar Organização Comunista 1º de Maio. Como veremos adiante as posições da FBT em relação à Posadas são muito semelhantes às do documento de 1966, do qual Fábio Munhoz foi signatário.

¹¹ Em carta de 25/02/1970 de Arkaan Simaan, exilado em Port Of Spain, para Francisco Solano, na França desde 1968, narra esse episódio no mesmo sentido exposto no documento. *Carta de Manuel [Arkan Simaan] para Filinto [Francisco Solano], 25/02/1970. Acervo pessoal de Arkan Simaan.*

¹² A viagem de militantes da FBT para a Europa é mencionada na correspondência entre Francisco Solano e Arkan Simaan. *Carta de Philippe [Francisco Solano] a Raul [Arkan Simaan], 02/03/1970. Trata-se do militante Vito Letzia, em outubro de 1969 entrou em contato com a OCI, debatendo com Stpahn Just, esta reunião foi registrada em ata por Francisco Solano. Ata discussão Vito Letzia e Stpahn Just, outubro de 1969. Acervo pessoal de Arkan Simaan.*

Aqui convém um esclarecimento quanto a origem dos militantes do ME 1º de Maio. Este novo agrupamento que surge em 1968 não é uma ruptura com o POR-T posadista. Entre os militantes que o impulsionam estão ex-militantes do POR-T e outros que não tinham um passado militante em organizações. Até 1969, porém, serão os ex-militantes do POR-T que estarão a frente do ME 1º de Maio, constituindo, digamos assim, seu núcleo dirigente. Estes militantes eram Fábio Munhoz, Júlio Calasso, Mtnos Abdalla Calil, Arkan Simaan e Ottaviano De Fiori, este último embora tenha participado da criação do ME 1º de Maio, não se torna efetivamente um militante.

Inicialmente então os militantes egressos do POR-T, FBT e ME 1º de Maio, alimentavam divergências nacionais com o posadismo, ou melhor dizendo, com sua seção nacional. A FBT por exemplo se denominava Fração Bolchevique Trotskista, seção brasileira da IV Internacional [posadista]. As duas organizações que surgem ainda não efetuam uma crítica global ao posadismo¹³. Desconhecendo as polêmicas do movimento trotskista internacional, fruto do isolamento político imposto pelo controle de Posadas, almejavam permanecer nos marcos da IV Internacional posadista. Esta perspectiva, no entanto estava mais claramente delineado pela FBT, pois esta, em contraposição ao ME 1º de Maio, surge como uma organização política desde o início. O ME 1º de Maio, como o próprio nome aponta, era um movimento, com atuação principalmente no movimento estudantil, com reuniões abertas, sem um órgão dirigente claramente definido, ou com uma imprensa própria, era algo semelhante a uma tendência estudantil, tão comum no movimento estudantil de fins dos anos 1970. Intervinham no movimento estudantil, distribuía panfletos, participavam de passeatas, das eleições para os grêmios estudantis, mas não possuíam um programa político, ou um projeto político elaborado. Essa característica começa a ser modificada a partir de 1970, quando o ME 1º de Maio, já sem os

¹³ Embora os ex-militantes do POR-T do ME 1º de Maio alimentassem a possibilidade de dar continuidade ao posadismo, em algumas questões já se afastavam dessa vertente, por exemplo quando da invasão soviética à Tchecoslováquia em 1968, posicionam-se contrariamente e saúdam a possibilidade de “Revolução Política” neste país. Conf. *Tchecoslováquia-Desespero da Burocracia*. Movimento Estudantil 1º de Maio, São Paulo, 22/08/1968. In: Acervo Pessoal de Júlio Calasso. Diferentemente do POR-T/Posadas e a FBT que vem a intervenção como positiva. Respectivamente *Frente Operária* n°202, primeira quinzena de abril de 1969.. In: CEDEM/CEMAP: Periódicos; e *Voz Proletária* (órgão da FBT) n°1, setembro de 1968. In: CEDEM/CEMAP: Fundo Fábio Munhoz.

ex-militantes POR-T¹⁴, e sob a responsabilidade de Luiz Araújo, começa a ser projetado como uma organização política, processo que vai culminar na 1ª Conferência iniciada em fins de 1972.

É na FBT, portanto, que podemos conferir as críticas e permanências do posadismo nesse momento inicial de reorganização do movimento trotskista no Brasil. Em 1969 é apresentado o documento “*A Crise da Quarta Internacional e a Necessidade da Unificação das Tendências Trotskistas Mundialmente*”, como suplemento nº2 do jornal *Voz Proletária*¹⁵. Este documento é parte das resoluções da 1ª Conferência da FBT, realizada em 1968, o objetivo segundo a apresentação, quando da publicação como suplemento, era iniciar uma batalha política pelo fim do “monolitismo” e combater o desvio sectário do POR-T, propondo para tanto “um congresso da Seção Brasileira da Internacional posadista, com a participação da Fração Bolchevique-Trotskista.” (*Voz Proletária*, sup.nº2:1969:12) Mesmo relativizando esse objetivo em 1969 mantém como interlocutores os posadistas e aponta a perspectiva da necessidade de unificação com as tendências trotskistas da Europa. Os europeus chamam a atenção dos trotskistas brasileiros especialmente devido as jornadas de maio-julho de 1968 na França, no ano seguinte, por exemplo Vito Letzia em viagem a Europa estabelece contato com a OCI, uma das organizações do Comitê Internacional da IV Internacional e a Socialist Labour League (SLL) na Inglaterra¹⁶.

Na resolução “A Crise da Quarta...” é realizado um balanço do posadismo. Para a FBT Posadas foi a resposta adequada a um período histórico anterior, quando o nacionalismo e os PC’s ainda mantinham controle sobre o movimento de massas na América Latina. O dirigente argentino teria percebido as especificidades da luta de classes do continente, diferentemente dos dirigentes europeus, dessa forma a ruptura de Posadas foi não só acertada como inevitável

¹⁴ Em maio de 1968 Fábio Munhoz é preso, sendo libertado em 1969 afasta-se do ME1º de Maio e parte para o exílio no Chile. Calil e Júlio Calasso abandonam a política. Em 1969 Arkan Simaan também parte para o exílio, primeiro em Port Of Spain e depois na França. Em 1970 o ME1º de Maio não possuía mais ex-militantes posadistas. Conf. *História do 1º de Maio*, documento de 32 páginas assinado por Gaspar, janeiro de 1973. In: AEL, Fundo Luiz Araújo.

¹⁵ “A Crise da Quarta Internacional e a Necessidade da Unificação das Tendências Trotskistas Mundialmente”. Suplemento nº2 do jornal *Voz Proletária*, fevereiro de 1969. In: CEDEM/CEMAP: Fundo Fábio Munhoz.

¹⁶ Ver nota 10.

E Posadas – e o posadismo nesta época [período anterior] – significavam uma interpretação de um período histórico que não foi interpretado por qualquer outra corrente. Posadas foi o setor da Quarta Internacional que entendeu como a Internacional devia se mover dentro da etapa do nacionalismo. As análises sobre o nacionalismo são de Posadas. Não de outros. A 4ª Internacional Européia avançou até um certo ponto e depois começou a se decompor depois da Segunda Guerra Mundial, muito lentamente, mas começou a perder força, a perder capacidade de militância. E esta perda de força e capacidade de militância se devia ao fato de que o motor da revolução mundial não estava mais na Europa, estava nos países coloniais, como analisava a própria Internacional Européia naquela época. (...)

E além de o motor da revolução mundial estar nos países coloniais, o fenômeno do nacionalismo e a compreensão de como se dá o processo de revolução aqui na América Latina, só foi compreendido pelos militantes que fizeram a sua experiência revolucionária aqui na América Latina, cuja expressão mais alta foi Posadas naquela época. (...) Posadas rompeu porque representava uma experiência superior. (Voz Proletária, sup.nº2,1969:3)

Porém para os trotskistas da FBT o nacionalismo e os PC's já não controlavam o movimento de massas, assim, com a alteração da situação política as respostas posadistas já não eram suficientes, era preciso ir além. Mas esse ir além não significava uma ruptura com o legado posadista, trata-se de um “passo a frente além do posadismo daquele período. Dar um passo a frente significa mudar os objetivos no que diz respeito a atuação do Partido no movimento de massas.” Essa elaboração da FBT estava ligada a uma avaliação da política desenvolvida pela regional do POR-T no Rio Grande do Sul, onde os militantes conseguiram estabelecer contatos com o movimento operário da região. Esta política era avaliada pela regional como positiva e sua continuidade implicou na expulsão de toda a regional, originando a fração (Conf. LEAL,2004:214-222). Para a fração essa era a política adequada para o novo período histórico, “o Partido tem que se ligar às correntes do movimento de massas e se colocar como sua espinha dorsal, como seu eixo.(...) e para dar esse passo Posadas não tem servido.”(Voz Proletária, op.cit., p.4-5)

A FBT concretiza esse passo além em quatro frentes, na sua constituição como fração, na perspectiva de buscar a unificação das correntes trotskistas, especialmente as da Europa com a Internacional Posadista, na crítica ao monolitismo e no chamado ao Congresso do POR-T com a participação da Fração e de outros militantes que se afastaram, ou foram expulsos. Tratava-se então de modificar a política do partido, retomar o centralismo democrático e aproximar a Internacional (posadista) das correntes internacionais do trotskismo atuantes na Europa.

As posições da FBT em relação ao posadismo são muito semelhantes às críticas contidas no documento *Criticar, Planejar e Construir Coletivamente o Partido* de 1966 o que explica a

aproximação dos militantes da fração com os ex-militantes do POR-T de São Paulo membros do recém criado ME1º de Maio.

Organização Política e posadismo

Como dissemos ainda em 1968, no ano de constituição das duas organizações, já tinha se esboçado tentativas de unificação. O desacordo quanto a composição da direção impossibilitam a unificação, mas a perspectiva em relação ao posadismo é semelhante. Existia a perspectiva, comum aos dois grupos, de recuperar a Internacional (posadista) a partir de um combate interno. Essa perspectiva, no entanto, terá vida curta. No ME1º de Maio ela perdura até fins de 1969, quando o núcleo dirigente era formado fundamentalmente pelos militantes que editavam Chispa. Neste ano os três ex-militantes do POR-T se afastam da organização e o ME1º de Maio inicia uma nova fase.

Por sua vez a FBT, em sua 2ª Conferência, no início de 1970, formalizará a ruptura com o posadismo. Essa mudança política da fração em grande medida esta ligada com a viagem de Vito Letzia para a Europa em 1969, onde manteve contato com a Stphan Just da OCI, seção francesa do Comitê Internacional (CI) da IV. Em carta de março de 1970 destinada à direção da OCI Vito Letzia informa a resolução da conferência

La Conférence a été le pas final dans le processus de différenciation de la Fraction par rapport au mouvement posadiste. Dans la Conférence on a discuté en termes de rupture complète avec les conceptions de la soi-disant internationale de Posadas, tout à fait diversement de ce que s'est passé dans la I Conférence. En conséquence, on a tiré la résolution formelle de rompre tous les liens avec l'organisation posadiste. Les discussions que nous avons fait à Paris et à Londres ont joué un rôle important dans la clarification du caractère du mouvement posadiste par la Fraction. Elles nous ont permis de voir le signification de Posads dans le mouvement trotskiste mondial avec une précision qui nous était impossible d'atteindre par la seule expérience d'Amerique Latine. (LETZIA, 1970)

Ainda em 1969 o ME1º de Maio sofrerá modificações internas que apontam cada vez mais para a consolidação de uma tendência que o transformará em uma organização política, neste ano Fábio Muhoz é preso e o primeiro núcleo organizador do ME1º de Maio é desarticulado. Luiz Araújo e Arkan Simaan assumem as tarefas de organização com a formação de duas células

clandestinas, esse movimento é determinado pelo aumento da repressão, não era mais possível o funcionamento anterior, com assembleias abertas. É o primeiro ensaio da transformação do ME1º de Maio em uma organização política. Mas, ao fim deste ano Arkan Simaan perseguido pela repressão inicia sua fuga do Brasil. Em 1970, dos militantes que criam o ME1º de Maio restará somente Luiz Araújo que será responsável por articular, junto com novos militantes, uma continuidade dessa experiência. Em carta de 30/05/1970 à Arkan Simaan, este já na França, expõe o balanço e os novos rumos do movimento. Essas mudanças mais uma vez são precipitadas pela repressão que se abate sobre os trotskistas, em abril a direção da FBT é quase desbaratada no Rio Grande do Sul, seguindo com prisões em São Paulo e no nordeste de militantes do POR-T, da FBT e do ME1º de Maio. Vejamos

Tomamos consciência da situação e de nossas responsabilidades. Fizemos uma discussão ordenada e produtiva, Alf[redo] Diogo e eu, onde muita coisa começou a se esclarecer, definir. (...) a mudança da situação política, o ato 5 com o refluxo, que nos obrigou a adotar novas formas organizatórias. As reuniões assembleias já não eram possíveis. A gente mudaria a forma de nos organizar em 69 e o próprio caráter da organização. Em 69 já não se falava em 'frente de massas'. E 'era consenso' que a gente tinha um programa. Entretanto, a gente estava de olhos fechados diante do fato de que sempre fomos, até hoje, o caos! Porque, verificada a impossibilidade dos planos de 68, passamos a nos considerar uma org. partidária, mas sem objetivos claramente definidos, sem traçar nossos passos, sem formas organizatórias disciplinadas, sem planejamento, enfim, sem um programa advindo de uma realidade concreta. (ARAÚJO, 1970)

Sobre os primeiros passos do ME1º de Maio e seus “dirigentes” Araújo pontua

Achamos que a atitude dos 2 principalmente (sobretudo L.[aerte] e O.[scar]¹⁷ que foram os 2 centralizadores nas duas fases L-68-69 e 69-O) foi irresponsável e injustificável, não apenas porque saíram. Mas porque nunca levaram nosso próprio programa, de que eram os principais detentores, às últimas conseqüências. Usavam sua autoridade para manter o 1º centralizado, mas, por outro lado não equacionavam os problemas e não permitiam irmos todos e a todas as tarefas. (ARAÚJO, idem)

Essa situação “período-69 trazia tremendas limitações ao desenvolvimento do 1º”, para o próximo período o objetivo era superar a falta de homogeneidade. “Sinto que hoje, numa nova arrancada, conseguimos superar um impasse (ou ele nos levaria à destruição) : o de não sermos homogêneos.”(ARAÚJO,1970) No ano de 1970 tem início uma nova fase do 1º de Maio com a

¹⁷ Respectivamente Fábio Munhoz e Calil.

busca de uma intervenção política além do movimento estudantil, buscando contato com o movimento operário e bancário, surge a Organização Comunista 1º de Maio.

As características desse momento inicial do ME1º de Maio, tema que é discutido na 1ª Conferência (iniciada no fim de 1972) e em cartas trocadas em 1970 por um lado, como vimos, responsabilizam os ex-militantes (posadistas) do POR-T, mas por outro lado também podemos ver aí uma tentativa prática de se contrapor à militância posadista. No documento redigido por Gaspar, “*História do 1º de Maio*” (1973) esse momento é caracterizado como resultado de “concepções políticas”

Tudo isso pode parecer, hoje, apenas reflexo da irresponsabilidade e da inexperiência dos companheiros que naquela época faziam parte do movimento, porém, é reflexo de concepções políticas. Procurava-se então romper com as características de ‘seita’ do posadismo; buscava-se construir quase exatamente aquilo que éramos: um movimento de massas, aberto, com penetração e influência no setor a que pertencesse, sem entender que um organismo deste tipo não resiste sem uma organização sólida por trás, sustentando-o política e organizadamente. (GASPAR, 1973: 12)

Em suma, naquele período, segundo Gaspar, perpassava no ME1º de Maio uma incompreensão sobre o “processo de formação da direção revolucionária do proletariado, acreditando que ela pudesse surgir da própria classe.” Luiz Araújo concorda com essa caracterização, mas com mais nuance, vejamos

A construção do partido, sempre foi uma proposta, ainda que mais ou menos genérica, e que transparece desde o primeiro documento.

É por isso que nos parece forçar bastante falar em concepção espontaneísta, seja no caso do posadismo, seja no caso dos ex-militantes do ME1º de Maio. Havia, sem dúvida, um espontaneísmo, antes fruto da confusão, de não saber exatamente o que fazer, do que uma concepção, consciente, deliberada. Havia uma confusão espontaneísta que era mais o resultado de uma contraposição mecânica ao rigor monolítico do posadismo e falta de capacidade e disposição para organizar, do que uma análise que os levassem a isto. (ARAÚJO, 1973: 06, sublinhado no original)

As mudanças políticas internas dos trotskistas nesse período 1968-1970 vai possibilitar que a perspectiva de unificação seja perseguida concretamente. A ruptura da FBT com o posadismo e a evolução política do ME1º de Maio, de um movimento para uma organização política, tornando-se Organização Comunista 1º de Maio, convergem para que em julho de 1971

seja constituído o Comitê de Unificação- FBT-OCI^{1º} de Maio (CU), dando início às discussões para a unificação (*História do 1º de Maio*, 1973: p. 20). Por outro lado, deve-se ressaltar, nesse processo, a importância do contato com o movimento trotskista internacional, quebrando o isolamento político imposto pelo posadismo. Como apontamos acima o contato da FBT com a OCI fora fundamental para a reavaliação da fração a respeito do posadismo. No caso da OCI^{1º} de Maio esse contato vai se adensar a partir do exílio de Arkan Simaan, que através de Francisco Solano, residindo na França desde 1968, vai estabelecer intensa correspondência com a organização.

Na França, por sua vez, Simaan e Solano, junto com outros brasileiros que participavam do Centro de Estudos Marxistas Latino-americano, junto à OCI, em 1971 criam o grupo Outubro¹⁸ com o objetivo de auxiliar a unificação dos trotskistas no Brasil. Em agosto do mesmo ano Solano retorna ao Brasil para se inserir no processo de unificação. Nas discussões que seguem no CU ocorrem divergências quanto ao movimento trotskista internacional, os trotskistas no Brasil iniciam contatos com organizações trotskistas da América Latina, com a Política Obrera da Argentina e o Partido Obrero Revolucionário da Bolívia, organizações que participam do CI; mas também entram em contato com o Partido Revolucionário de los Trabajadores- La Verdad, partido liderado por Nahuel Moreno, que compõe a tendência minoritária do Secretariado Unificado, junto com Peter Camejo, do Socialist Work's Party (EUA), opositores da adesão à luta armada¹⁹. Vale frisar que é nesse momento que os trotskistas no Brasil conhecem os debates e polêmicas do movimento trotskista internacional. O grupo Outubro, por sua vez, já nasce defendendo as teses do CI. Aqui tem início um outro capítulo da história do trotskismo no Brasil, em que os brasileiros se envolvem cada vez mais nos rumos do movimento pela IV Internacional.

¹⁸ O nome refere-se obviamente ao outubro da Revolução Russa de 1917, mas também ao outubro da Revolução dos Conselhos Húngaros de 1956, onde a classe operária pôs-se de pé contra o stalinismo. Conf. *Revista Outubro*, s/l, abril de 1972, nº1. In: CEDEM/CEMAP: Fundo: Periódicos.

¹⁹ Em dezembro de 1971 militantes do CU concedem uma entrevista à militantes do PRT-LV sobre o desenvolvimento da luta de classes no Brasil e a unificação dos trotskistas. Esta entrevista será publicada na *Revista de América*, periódico do PRT-LV, em 1972. *Revista de América*, nº 8 y 9, mayo-agosto, 1972. In: Archivo Leon Trotsky. Posteriormente também será publicada na *Revista Punto de Partida*, periódico de exilados trotskistas brasileiros no Chile. *Revista Punto de Partida*, Santiago, janeiro de 1973, nº1. In: Arquivo Pessoal de Arkan Simaan. E para um panorama da história do movimento pela IV Internacional ver SAGRA, Alicia. *A Internacional. Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo*. São Paulo, Ed. José Luís e Rosa Sundermann, 2010. 2ª edição.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

KAREPOVS, Dainis,. MARQUES-NETO, J. Castilho. LOWY, Michel. Trotsky e o Brasil. In: MORAES, J. Quartim de (org). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp,1995. v.2.

_____. Os Trotskistas Brasileiros e suas Organizações Políticas (1930-1966). In: REIS Fº, D. Araújo. RIDENTI, Marcelo (org's). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 2007.v5.

KAREPOVS, Dainis. LEAL, Murilo. O Trotskismo no Brasil, 1966-2000. In: REIS Fº, D. Araújo. RIDENTI, Marcelo (org's). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, Ed. Unicamp, 2007.v6.

LEAL, Murilo. *À Esquerda da Esquerda*. Trotskistas, Comunistas e Populistas no Brasil Contemporâneo (1952-1966). São Paulo, Paz e Terra, 2004.

RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo, Unesp, 2005. 2ªed. revista e ampliada.

SAGRA, Alicia. *A Internacional. Um permanente combate contra o oportunismo e o sectarismo*. São Paulo, Ed. José Luís e Rosa Sundermann, 2010. 2ªedição.

Jornais e Revistas:

“*Chispa*” nº1, agosto de 1967; “*Chispa*” nº2, setembro de 1967; “*Chispa*” nº3, outubro de 1967. In: Arquivo Edgard Leuenrenroth (AEL), J/0649/Fundo MSR-Dossiê Organizações de Esquerda, pasta 181.

“*Voz Proletária*” (órgão da FBT) nº1, setembro de 1968. In: CEDEM/CEMAP: Fundo Fábio Munhoz.

Suplemento nº2 do jornal *Voz Proletária*, fevereiro de 1969. “A Crise da Quarta Internacional e a Necessidade da Unificação das Tendências Trotskistas Mundialmente”. In: CEDEM/CEMAP: Fundo Fábio Munhoz.

“*Frente Operária*” n°202, primeira quinzena de abril de 1969. In: CEDEM/CEMAP: Periódicos.

“*Em Tempo*” (1979-1980). Série “Contribuição à História da Esquerda Brasileira, 1964-1979”. Autor: GARCIA, M. Aurélio. In: CEDEM/CEMAP: Fundo Em Tempo.

“*Revista Outubro*”, s/l, abril de 1972, nº1. In: CEDEM/CEMAP: Fundo: Periódicos.

“*Revista de América*”, Buenos Aires, nº 8 y 9, mayo-agosto, 1972. In: Archivo Leon Trotsky (www.archivoleon Trotsky.org).

“*Revista Punto de Partida*”, Santiago, janeiro de 1973, nº1. In: Arquivo Pessoal de Arkan Simaan.

Documentos:

“*Tchecoslováquia-Desespero da Burocracia.*” Movimento Estudantil 1º de Maio, São Paulo, 22/08/1968. In: Acervo Pessoal de Júlio Calasso.

“*Ata discussão Vito Letzia e Stpahn Just*”, outubro de 1969. Ata redigida por Francisco Solano. Acervo pessoal de Arkan Simaan.

“*História do 1º de Maio*”. Assinado por Gaspar, janeiro de 1973. 32 páginas. In: AEL, Fundo Luiz Araújo.

“*Contribuições à discussão do documento sobre a evolução do 1º de Maio elaborado por Gaspar.*” 07/03/73. Assinado por Guilherme [Luiz Araújo]. 10 páginas. In: Arquivo Edgard Leurenroht: Fundo Luiz Araújo. Unicamp/Campinas.

Cartas:

“*Carta de Manuel [Arkan Simaan] para Filinto [Francisco Solano]*”, 25/02/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

“*Carta de Philippe [Francisco Solano] a Raul [Arkan Simaan]*”, 02/03/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

“*Carta de Michel [Vito Letizia] à direção da OCI*”, 11/03/1970. (em francês). In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

“*Carta de Lino [Luiz Araújo] pra Raul [Arkan Simaan]*”. 30/05/1970. In: Acervo Pessoal de Arkan Simaan.

Depoimentos:

Depoimento de Júlio Turra ao autor em 24 de agosto de 2012.

Depoimento de Arkan Simaan ao autor em 03 de fevereiro de 2013.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL